



## Entroncamento

Alexandre Santos

Poema sobre a luta do povo pela sobrevivência, inspirado pela movimentação no cruzamento da Avenida Rui Barbosa com a Rua das Crioulas, no chamado Entroncamento, no bairro das Graças, no Recife.

Alegrem-se. O vermelho está de volta.

Já é possível adiar a revolta.

Mais uma vez, esperança de ganhar a vida.

Nova chance de um prato de comida.

A turba avança.

Pouco na cabeça e nada na pança.

Na romaria dos deserdados, cegos e aleijados.

Correria de mendigos e desempregados.

Cada um no seu lugar.

Cada um na sua vez.

Cada qual com seu talento,

História e sofrimento.

O surdo-mudo mercador.

Corre contra o fluxo. Corre contra o tempo.

Flanela no retrovisor.

Cabide de choro e lamento.

Sem saber o que é infância,

a criança na janela fechada

confronta o prisioneiro da ignorância.

Sonha uma moeda. Uma lufada gelada.

Já cansado, com o corpo moído,

o menino-pedinte distribui o papel encardido.

‘Não roubo, nem cheiro cola’.

Mensagem clara a quem nada controla.

Surge um malabarista na ribalta.

Um mestre que faz girar bastões incandescentes.  
Cena rápida que vai e volta.  
Cena rápida do artista impaciente.

Sem aviso ou encomenda,  
o rapaz tenta a prenda.  
Um esguicho, um pára-brisa.  
O tostão que escandaliza.

A moça solta a propaganda.  
Apartamentos com suíte e varanda.  
Luta para sobreviver,  
Sonho que nunca vai ter.

O ambulante sorridente.  
Circula gentil e sedutor.  
Fruta reluzente.  
Duvidável qualidade e sabor.

O mendigo diabético.  
Lento, cego e purulento.  
Cético, torce por um gesto ético  
do nojento que o faz violento.

Faina renhida de prêmio e castigo.  
Indiferença de quem só vê o próprio umbigo.  
Susto em quem trava a porta e ri.  
Uma moeda aqui, outra ali.

O tempo se foi. Fim de jornada.  
Um ronco. Volta à calçada.  
Carros levam a vida.  
Desemprego de quem não tem guarida.

Sem ocupação,  
miseráveis voltam a pensar na revolução.  
Mas, o vermelho voltará.  
E tudo recomeçará.